

---

## **Capítulo Principal (prólogo): A Cortina de Fumaça**

Nos confins deste mundo, onde o brilho do ouro eclipsa a luz das estrelas, os reinos lutam por domínio, e os reinos deixam de existir por sua própria ambição. A cada amanhecer, as ruas das cidades se enchem de mercenários e ladrões, enquanto o som das lâminas cortando o ar ressoa nas florestas e nos campos. Nos cantos obscuros do reino, seres secretos e astutos manipulam os destinos dos governantes, puxando as cordas invisíveis do poder com a precisão de mestres, como se tudo fosse parte de um jogo eterno e implacável.

Alguns prosperam com comércio e artes, enquanto outros forjam seus destinos em ferro e fogo, expandindo fronteiras com espadas afiadas e alianças maléficas.

Os Reinos do Norte, conhecidos por suas fortificações de pedra negra e seus invernos que pareciam não ter fim, são governados por lordes cuja lealdade é medida pelo peso do ouro. No Sul, terras férteis e calorosas abrigam cidades movimentadas, mas a ganância de seus líderes e a corrupção latente transformaram aldeias pacíficas em campos de batalha entre milícias rivais. No Oeste, as Montanhas de Grendel erguem-se como muralhas naturais, um refúgio para anões e ferreiros, mas também um esconderijo para bandos de saqueadores que descem como enxames sobre os viajantes incautos. E no Leste, as vastas planícies onde outrora cavalos selvagens corriam livres agora servem como cenário para exércitos em marcha, disputando territórios cuja riqueza está enterrada nas profundezas da terra.

Entre os reinos, o caos reina nas estradas e florestas. Ladrões emboscam mercadores e viajantes solitários, seus rostos escondidos por máscaras toscas ou capuzes rasgados. São movidos pela necessidade e pelo desespero, mas

também pelo prazer sombrio de ver outros sofrerem. Suas lâminas são rápidas e implacáveis, e sua sede por riqueza não conhece limites.

Os mercenários, por outro lado, percorrem as mesmas estradas, mas sua presença inspira tanto medo quanto alívio. Contratados pelos mais ricos e poderosos, esses guerreiros de aluguel não servem a bandeiras, mas sim ao peso de moedas de ouro. Suas armaduras são uma mistura de peças roubadas e compradas, armas estas que são polidas com o sangue de inimigos e aliados. Alguns são honrados, cumprindo contratos com rigor, enquanto outros trocam de lado com a frequência que o vento muda de direção. Para eles, a guerra não é um fardo, mas um negócio.

E então há as vilas esquecidas e os pequenos povoados espalhados pelas terras. Nesses lugares, onde o eco do mundo maior chega apenas como sussurros, o medo é uma constante. O medo das noites, quando forasteiros podem surgir das sombras. O medo dos impostos pesados cobrados pelos reis, que drenam o que resta da colheita.

O mundo, dividido por linhas imaginárias e muros de concretos, é uma tapeçaria de sofrimento e perseverança. Cada reino luta para conquistar o que pode, enquanto os indivíduos tentam sobreviver à sombra de decisões tomadas por reis distantes. Mas a tensão cresce, como um rio cujas margens começam a transbordar. As alianças tornam-se questionáveis, e os rumores de uma guerra total sussurram nos mercados e tavernas.

Neste cenário de incerteza, onde as decisões parecem ser moldadas pelo mais forte ou pelo mais astuto, surgem figuras cujas ações ecoarão através do tempo. Algumas agirão por ganância, outras por redenção, e outras ainda por uma causa maior. No entanto, no coração de cada homem

ou mulher que atravessa estas terras, pulsa a mesma pergunta: neste mundo de caos e conflito, o que significa realmente ser livre?

---

## **Subcapítulo 1: A Fogueira Solitária**

A noite se estendia silenciosa na floresta, o silêncio era quebrado apenas pelo som suave das folhas movidas pelo vento e o estalar da madeira seca queimando na fogueira. As chamas, pequenas e dançantes, iluminavam de forma tremulante o rosto da figura imóvel em frente à fogueira, criando sombras que pareciam se alongar na escuridão ao seu redor. Ele estava sozinho, como sempre, em um mundo que parecia se distanciar cada vez mais dele.

Sentado sobre um velho tronco de Ipê coberto de musgo, um bastão repousava ao seu lado, sua madeira gasta pela constante utilização, mas ainda resistente. A força que ele sempre fora capaz de imprimir com aquele bastão, agora parecia um reflexo de um passado distante. Ele o observava, os dedos levemente tocando a superfície áspera do seu fiel companheiro, mas sem a urgência de antes, sem o impulso de usá-lo em combate. A espada nunca foi sua escolha, e mesmo agora, com a solidão pesada ao seu redor, o bastão continuava sendo um símbolo de algo que ele não sabia mais como definir.

A luz da fogueira, apesar de brilhar intensamente, não conseguia afastar totalmente a escuridão da floresta. Era como se aquela escuridão fosse parte dele agora, uma presença constante que o acompanhava onde quer que fosse. O som das criaturas noturnas ecoava ao longe, mas ele não as temia. Em algum momento, elas passaram a ser parte do cenário — mais um lembrete de que ele estava afastado, exilado, e que ninguém viria atrás dele.

Ele respirou fundo, o cheiro da terra úmida invadindo seus pulmões. O vento fazia as chamas se agitar, lançando fagulhas para o alto, mas ele não se movia, mantendo-se imóvel como uma árvore antiga que já não sente a mudança

das estações. Seus olhos se fixaram naquelas chamas, como se nelas buscassem respostas que nunca apareciam. O calor da fogueira parecia penetrar sua pele, mas não aquecia o vazio em seu peito.

A lembrança do banimento veio como uma lâmina afiada, cortando o silêncio que ele havia cuidadosamente tecido ao longo dos anos. O erro. O que ele fez? O que ele poderia ter feito para evitar o exílio? Ele se perguntava todas as noites, mas as respostas nunca chegavam. O código que ele seguira, o que ele acreditava ser a única coisa que poderia preservá-lo, agora parecia uma corrente invisível que o prendia mais e mais à sua própria culpa.

Ele cerrou os olhos por um momento, tentando afastar o pensamento que o consumia, mas era inútil. Não havia como escapar da própria mente. Era como se as chamas, em sua dança, refletissem uma versão distorcida de si mesmo. O guerreiro que ele era — ou que pensava ser — não era mais o mesmo. As batalhas haviam mudado ele de uma maneira que nem ele sabia descrever. E ali, sozinho na escuridão, ele se perguntava se seria capaz de encontrar seu caminho de volta.

O homem se inclina um pouco para frente, os cotovelos descansando nos joelhos, enquanto observa a fogueira com um olhar distante. O calor, embora acolhedor, não tocava o fundo de sua alma, mas ele não se importava mais. Seus olhos estavam fixos nas chamas, como se pudesse extrair delas algo que fosse além da simples luz. Talvez fosse o reflexo de sua própria luta interna, ou a sensação de que, no crepitar da madeira, ele pudesse escutar os ecos de sua antiga vida, de quando as batalhas eram travadas não apenas com o corpo, mas com a alma.

Ele então se recostou contra o tronco de uma árvore velha e retorcida que estava logo atrás, seu corpo pesado, mas relaxado. O tronco, já coberto por musgo e um leve manto de umidade, era firme e acolhedor de alguma forma, como se a própria essência da árvore o recebesse, entendendo o cansaço que ele carregava. Sentia-se parte daquela natureza, como se a floresta não fosse apenas seu refúgio, mas sua última morada. As folhas farfalhavam suavemente com a brisa, criando uma melodia que parecia um murmúrio, quase como um sussurro de antigos ancestrais, como se os próprios ventos o convidassem a relaxar, a deixar-se envolver pela calma da noite.

Os olhos do homem se fecharam brevemente enquanto o som das folhas se tornava mais claro em sua mente. Era terapêutico, como uma canção ancestral que ele jamais aprendera a decorar, indecifrável, mas que sempre esteve ali, à sua volta, aguardando o momento de ser percebida. Ele não sabia se as árvores realmente falavam ou se era a sua própria mente que projetava aquele som, mas, de qualquer forma, ele se sentia em paz, em um lugar onde suas antigas preocupações pareciam diminuir. A natureza o aceitava de forma silenciosa e amigável, sem julgamentos.

De repente, um leve sussurro, mais alto que os outros sons, o fez abrir os olhos. As folhas ao redor, agitadas por um vento mais forte, pareciam ter um ritmo próprio, quase como se estivessem conversando. Ele não se moveu, sentindo-se imerso naquela simbiose entre si mesmo e a floresta. Talvez o exílio não fosse apenas uma punição, mas uma necessidade que o destino lhe impusera para que ele encontrasse seu verdadeiro lugar no mundo — um lugar onde a paz fosse mais que uma ilusão e onde ele não precisasse mais lutar contra as correntes da vida.

A natureza, com suas árvores imponentes e o cheiro do ambiente natural, parecia ensiná-lo algo que ele havia esquecido: a quietude não era um inimigo. Era, talvez, o maior aliado que ele poderia ter. O som das folhas farfalhando, a brisa suave passando por seu rosto, tudo isso preenchia o vazio de sua alma de uma maneira que a luta nunca conseguiria. Ele, um guerreiro de longa data, agora se via como observador de algo mais grandioso, vendo a luta incessante se desenrolar ao seu redor. Não precisava mais combater; já havia dado tudo de si. A noite seguiu sua marcha silenciosa enquanto ele permanecia ali, imerso na companhia da floresta, com seus próprios pensamentos, em paz — por mais fugaz que fosse.

Com um movimento lento e quase instintivo, a figura assentada perto da fogueira pegou o bastão ao seu lado e o apoiou no colo, as mãos descansando sobre a madeira marcada pelas batalhas. A conexão com aquela arma era quase visceral, como se a cada toque ele pudesse sentir todas as histórias que já haviam sido escritas com ela. Ele se permitiu relaxar, os olhos pesados começando a se fechar enquanto o calor da fogueira o envolvia como um manto.

O sono veio como uma sombra discreta, sem avisar, puxando-o para um estado liminar, um ponto entre o acordado e o sonhador. Imagens começaram a se formar em sua mente, desfocadas no início, mas ganhando nitidez aos poucos. Ele estava de volta ao vilarejo. Podia ouvir os sons do mercado, as vozes das crianças brincando pelas ruas de terra batida, o som dos martelos na forja e até o farfalhar das roupas nos varais ao vento. A lembrança era tão real que ele quase podia sentir o cheiro das especiarias misturado ao do pão fresco saindo dos fornos.

Mas havia algo mais. Algo que não deveria estar lá. Um peso invisível, uma sombra que parecia sobrepor-se às suas memórias. Ele não sabia dizer o que era, mas sentia que aquilo não pertencia ao vilarejo que ele conhecia. O som das vozes começou a mudar, tornando-se mais abafado, quase como um eco distante. As risadas das crianças desapareceram, e o silêncio tomou conta de tudo.

De repente, ele despertou, os olhos se abrindo com rapidez. Havia um som. Um barulho leve, tão sutil que a maioria não o teria percebido, mas ele não era como a maioria. Seus sentidos, treinados ao extremo pela vida de batalha, captaram aquilo como um alarme em meio ao silêncio da noite. Não era o som do vento ou o farfalhar das folhas; era algo diferente, um ruído discreto, mas incomum, vindo de algum ponto além do alcance das chamas da fogueira.

Imediatamente, ele se endireitou, o corpo ficando rígido como o de um animal que pressente o perigo. Sua mão apertou o bastão, os dedos firmes na madeira, enquanto seus olhos procuravam pela escuridão ao redor. O calor da fogueira parecia distante agora, substituído por uma tensão crescente. Ele não sabia o que era, mas sabia que não estava mais sozinho.



---

## **Subcapítulo 2: Caçadores nas Sombras**

O guerreiro ficou imóvel, seu corpo tenso, cada músculo preparado para reagir. O som que o despertara ainda ecoava em sua mente, mas ele não se apressou. Sabia que a calma era seu melhor aliado. Seus olhos varreram o perímetro, examinando a escuridão além da luz trêmula da fogueira. As sombras dançavam nas árvores e arbustos ao redor, criando formas que se moviam como se estivessem vivas. Mas ele sabia que não podia confiar nos olhos. A verdadeira percepção vinha dos outros sentidos, aqueles que ele havia treinado e aprimorado ao longo de sua vida.

Com um movimento lento, ele fechou os olhos. A escuridão que o envolvia agora não era mais um obstáculo, mas uma extensão do seu próprio ser. Ele respirou profundamente, deixando o ar frio da noite preencher seus pulmões. O cheiro da terra úmida e de madeira se decompondo era forte, misturado com o leve toque de algo mais... uma fragrância metálica que ele não conseguia identificar. Talvez fosse o cheiro da vegetação, ou algo mais distante, mas seu instinto lhe dizia que não era natural.

Ele permaneceu ali, absorvendo tudo ao seu redor. O vento suave o ajudava trazendo dos arredores odores distintos, a figura imóvel prestava atenção a cada sutil alteração no ar. O som das folhas farfalhando parecia mais distante, como se o vento estivesse mudando de direção, como se algo estivesse interferindo na natureza da noite. Cada estalo de galho quebrando, cada suspiro do vento, cada som distante que ele jamais notaria antes agora se destacava como um alerta, uma mensagem oculta no meio do silêncio.

O cheiro da madeira queimando na fogueira se misturava ao ar frio, mas era a mudança nos odores ao redor que

capturava sua atenção. Ele podia sentir o aroma da floresta, mas também algo mais... um odor maltado, quase como o de algo em estado de fermentação, mas que não deveria estar ali. Ele se concentrou, fechando ainda mais os olhos, forçando sua mente a captar o menor detalhe.

A presença estava lá, não visível, mas certa. Algo estava se aproximando. Ele podia sentir, não apenas ouvir ou cheirar, mas perceber no fundo de sua consciência, como se a própria terra estivesse lhe dando um aviso. Seus ouvidos, já aguçados por anos de batalha e sobrevivência, captaram mais uma vez o som suave — quase um arranhar, algo que não pertencia ao ambiente. Ele exalou lentamente, focando sua mente no som, tentando traçar sua origem.

A tranquilidade da floresta parecia ter sido rompida, mas o homem próximo à fogueira não se moveu. Seus olhos ainda fechados, ele mergulhou mais profundamente no ambiente, confiando apenas em sua percepção. As sombras, os sons, os cheiros... tudo fazia parte de um intrincado tecido, e ele estava começando a entender sua composição.

Uma pessoa comum, alguém não treinado para a sobrevivência, teria sucumbido ao desespero. O medo teria dominado seus pensamentos, mas o guerreiro permaneceu sereno, sua respiração controlada. Seus sentidos, aguçados e calibrados ao longo de anos de batalhas e exílio, lhe davam a vantagem. Ele sabia que a ansiedade era o maior inimigo em momentos como aquele. E ele não podia se permitir isso.

Um leve sorriso, quase imperceptível, apareceu em seus lábios. Era um sorriso tranquilo, desprovido de arrogância, mas cheio de uma confiança que vinha de uma vida inteira de enfrentar situações impossíveis. Ele sabia o que estava acontecendo, mesmo sem ver. Suas percepções estavam além dos olhos; ele podia sentir os movimentos ao seu

redor, entender os sinais que a floresta oferecia. Tudo estava em seu controle.

Ele deixou o sorriso desaparecer lentamente, concentrando-se em sua análise. Quatro presenças. Ele podia sentir o peso delas na terra, o deslocamento das folhas sob os pés, os respirarem leves e ritmados. Duas delas já estavam por perto, o suficiente para espreitá-lo sem serem vistas, mas o homem não se moveu, ainda absorvendo o momento. Ele reconheceu o padrão: dois estavam se aproximando pela esquerda, enquanto os outros dois tentavam se posicionar à direita, formando um círculo. Estavam se reorganizando, planejando cercá-lo, mas sem pressa. Nenhuma pressa. Eles sabiam que tinham vantagem.

E isso foi o que ele precisou para compreender. A verdade era simples: eles estavam confiantes demais. Eles acreditavam que poderiam pegá-lo desprevenido, mas ele já sabia exatamente o que estavam fazendo. Ele só precisava esperar o momento certo.

No entanto, um som de galho quebrando, um estalo repentino à direita, fez com que o sorriso se desvanecesse de seu rosto, dando lugar a uma expressão muito mais séria. Seus olhos se abriram de forma abrupta, agora ajustados à escuridão ao redor. O sorriso desapareceu como se nunca tivesse existido, e seu semblante se tornava mais fechado, mais intenso. Seu rosto, que antes parecia ter o brilho da juventude, agora mostrava marcas do tempo e da experiência. Ele parecia mais velho, mais cansado, como se a responsabilidade de lutar e sobreviver o tivesse envelhecido de maneiras que ele jamais poderia explicar a quem não passara pelo que ele vivera.

Com a mente focada, ele ficou em silêncio, aguardando. A tensão no ar era palpável, mas ele sabia que não

seria pego de surpresa. A única coisa que restava agora era a ação, e ele já sabia qual seria.

O homem permaneceu em silêncio por um momento, observando as sombras ao seu redor. Sua voz, quando finalmente rompeu o silêncio, foi baixa e calma, mas carregada de um tom frio e seguro, como se ele já tivesse previsto tudo o que aconteceria a seguir.

— Saíam. Eu já avistei vocês. Ou, se tiverem um pouco de amor às suas vidas, sugiro que voltem imediatamente de onde vieram.

A tensão na noite parecia aumentar, mas o homem não se moveu, seus olhos fixos na escuridão que o cercava. Não houve uma resposta imediata, mas um som de movimento veio de trás de um arbusto espesso, e logo uma figura corpulenta surgiu das sombras.

O homem que apareceu era grande, com um corpo volumoso e desleixado. Sua barba espessa e por fazer cobria parcialmente o rosto, deixando visíveis os olhos miúdos e o olhar desafiador. A barriga saliente balançava enquanto ele se movia, vestindo roupas militares desgastadas que pareciam ter sido feitas para outro tempo. O cheiro de vaskir com seu odor forte de madeira envelhecida pairava no ar, misturado ao cheiro de terra e folhas se decompondo, criando uma sensação nauseante. O homem dava passos pesados, como se a gravidade tivesse mais poder sobre ele do que sobre qualquer outra coisa, e seu hálito pesado parecia misturar-se ao do próprio vento.

“Então foi este o cheiro de malte que senti”, pensou o homem ainda imóvel estudando seu oponente.

Ele parou a poucos metros do homem que permanecia imóvel próximo à fogueira, observando-o com um olhar desdenhoso. Seu sorriso, torto e descomposto, não escondia a

confiança que ele sentia em sua força física, mas a expressão do guerreiro parecia desarmá-lo antes mesmo de ele falar.

— Você me ouviu bem, amigo? — a voz rouca e carregada de desprezo ecoou na floresta. — Não tem mais ninguém, apenas eu.

O homem manteve a calma, os olhos ainda fixos, sem dar sinal de medo ou emoção.

— Eu me lembro de um ditado, — disse ele, com a voz tranquila. — “Só os tolos fazem barulho para esconder o vazio.”

O corpulento, com uma careta de desdém, balançou a cabeça, indo mais perto. Ele não parecia perceber o perigo, sua confiança na própria força ofuscava qualquer discernimento.

O corpulento riu, um riso rouco que ecoou pela floresta, como se estivesse ouvindo a piada mais engraçada do mundo. Ele aproximou o machado de sua mão, observando o homem com um olhar de desprezo.

— Ah, pega esse ditado e enfia goela abaixo, — disse ele com um sorriso malicioso, sacando seu machado com um movimento rápido. A lâmina brilhava à luz da fogueira, mas a confiança do homem parecia deslocada, como se ele não entendesse o quão pequena era sua vantagem.

Ele ergueu o machado em uma postura ameaçadora, mas o homem em sua frente não se moveu. Não havia medo nos seus olhos, apenas um olhar observador. O corpulento, vendo que não havia reação imediata, avançou alguns passos.

— Vai ser melhor pra você, se me entregar a bolsa com o dinheiro. Não estou a fim de perder tempo com um verme como você, já é tarde e estou cansado demais. Não quero

lutar. Só me passe o que tem e se mande — ele ameaçou, batendo a lâmina do machado contra o chão com impaciência.

O homem, porém, manteve-se imóvel, com o bastão repousado a seu lado, seu olhar calmo, mas a tensão crescente. Ele analisava cada movimento do adversário, cada som da floresta ao redor. O cheiro de vaskir (uma bebida escura e densa feita a partir de raízes e grãos fermentados, com um toque amargo e forte) e a postura desleixada do homem eram claros sinais de que ele não estava completamente sóbrio, talvez mais imprudente do que realmente perigoso. No entanto, isso não mudava a situação.

O guerreiro sabia que o confronto seria inevitável, mas não haveria pressa. Cada palavra do corpulento e a ameaça do machado apenas confirmavam o que ele já sabia: o homem estava mais preocupado com a sua própria superioridade física do que com a habilidade do seu oponente. Um tipo de descuido arcaico.

— Admiro sua coragem, — disse o homem misterioso sem nenhum sinal de que poderia golpear seu oponente com o bastão, com a mesma tranquilidade, a voz sem levantar uma só tonalidade. — E eu não sou um homem de pressa. Mas, se realmente quiser aprender algo, posso ensinar.

O corpulento, ignorando o aviso e já com a mão na empunhadura do machado, fez um movimento brusco, como se estivesse pronto para atacar, mas o homem permaneceu firme, sem sequer desviar os olhos.

O corpulento, empunhando seu machado com um sorriso arrogante, preparava-se para avançar. Mas, para sua surpresa, o homem com o bastão não se mexeu. Em vez disso, ele falou, como se estivesse explicando algo simples, sem pressa ou emoção.

— Não, não, — disse o guerreiro, mantendo o tom calmo, mas agora com uma leve ironia. — Em suas condições, com o estômago cheio dessa bebida escura feita de raízes, você está em desvantagem para lutar à noite. Você não percebeu?

O corpulento franziu a testa, confuso. O guerreiro continuou.

— O machado que você empunha... Não é a melhor arma para este tipo de combate. — O guerreiro fez uma pausa, analisando a floresta ao redor com um olhar calculador. — Em espaços apertados e com tantos obstáculos, seu alcance será mais um problema do que uma vantagem. O machado, grande e pesado, não consegue cortar com a mesma precisão entre essas árvores e arbustos. E se você tentar um golpe mais largo, vai acabar se desequilibrando.

O corpulento arregalou os olhos, surpreso com a avaliação precisa do oponente. Ele olhou para o machado em sua mão, pensando, e sua confiança diminuiu, mesmo que por um momento. O homem, vendo a dúvida surgir nos olhos do adversário, deu um pequeno sorriso, mas sem esboçar qualquer sinal de vitória.

A tensão aumentava, e o corpulento estava prestes a falar algo, mas o guerreiro já estava analisando o perímetro. Ele continuou, calmamente, como se estivesse descrevendo uma pintura.

— Os outros três... — Ele apontou com o bastão, movendo-se lentamente e sem pressa, como se tivesse todo o tempo do mundo. — Um está à sua esquerda, a cerca de 10 metros. O outro, mais à frente, se aproximando lentamente pela trilha do norte. O terceiro está à direita, usando as sombras para se esconder, provavelmente esperando um sinal para avançar.

O corpulento tentou olhar para onde o guerreiro indicava, mas nada parecia fora do lugar. A floresta estava escura e silenciosa, e os outros, com certeza, tentavam se manter invisíveis. No entanto, o homem com o bastão não estava errado. Ele os havia detectado sem dificuldade.

— Todos vocês estão em desvantagem. Não só você, — o homem repetiu, com um tom firme. — E, se continuar com essa postura, vai perder muito mais do que uma luta.

O corpulento, agora, estava começando a suar. A confiança que ele tinha antes parecia derreter diante da calma do homem com o bastão. Ele ergueu o machado, mas hesitou, o sorriso malicioso já se dissipando de seu rosto. O guerreiro parecia saber muito mais do que ele imaginava.



---

### Subcapítulo 3: Veteranos de Emboscadas

O corpulento permaneceu parado por um momento, os olhos arregalados, tentando processar a calma do homem à sua frente. Hesitação era seu maior fardo neste momento. Ele queria avançar, mas algo na atitude do homem com o bastão o deixava desconfortável. No entanto, a vantagem parecia clara. O homem diante dele não possuía nenhuma arma mortal visível. Nenhuma lâmina afiada, nenhum arco, nada que fosse uma ameaça direta — exceto, talvez, uma faca ou adaga escondida sob suas roupas, mas isso era improvável.

A maioria das lendas que ele ouvia nas tavernas falavam de guerreiros formidáveis, daqueles que podiam derrotar um exército sozinhos. Mas aquele homem... ele não parecia ter a força de um guerreiro, ou qualquer outro tipo de combate letal. Ele estava fraco, cansado, de alguma forma... vulnerável.

Além disso, o corpulento não estava sozinho. Seus três companheiros estavam à espreita nas sombras, preparados para avançar a qualquer momento, prontos para cercar o homem com o bastão. Era uma situação de pura vantagem numérica.

*“Ele não tem chance”, pensou o corpulento, tentando reconquistar sua confiança. “Ele é apenas um tolo. Um homem sem habilidade. E com esses arbustos e árvores, ele não pode sequer correr direito”.*

O sorriso arrogante voltou aos seus lábios, mais confiável agora que a dúvida se dissipava. Mesmo que o homem fosse habilidoso em algum aspecto, ele era fraco e desarmado. E ele... ele tinha o machado. A força bruta estava ao seu lado, e com a força dele e seus companheiros, nenhum bastão ou truque de sombras seria páreo.

Ele não sabia exatamente o que o havia feito hesitar antes, mas agora estava claro: ele estava em vantagem. Ele refletiu sobre os três companheiros ao redor, todos prontos para agir.

“*Esse homem não tem chance*”, pensou em seu íntimo tentando se agarrar a alguma confiança, alguma lógica que o fizesse investir contra a figura em sua frente. Mas era muito estranho, ele sentia algo que não podia explicar mas que conhecia muito bem; perigo! Esta era a definição.

E, com um gesto de confiança, ele começou a assumir uma postura mais ameaçadora.

O corpulento levou dois dedos aos lábios e assobiou, um som agudo e prolongado que cortou a quietude da floresta como uma lâmina. Imediatamente, três figuras emergiram das sombras com uma destreza que poderia impressionar qualquer observador comum. Não foi o caso do homem com o bastão. Ele permaneceu imóvel, a expressão tão inalterada quanto a de uma rocha, seus olhos analisando os recém-chegados com uma calma implacável.

A primeira figura a ser notada era um homem mais baixo, porém claramente robusto. Seus ombros largos e braços musculosos destacavam-se sob as vestes surradas que usava. Ele era careca, e sua cabeça brilhava levemente sob a luz oscilante da fogueira, mas sua barba ruiva espessa compensava a ausência de cabelo. Suas mãos calejadas seguravam firmemente um **bec de corbin**, uma arma peculiar que combinava uma ponta longa e perfurante com um martelo pesado e uma lâmina curva em um único cabo. Era uma arma ideal para esmagar armaduras ou atacar com precisão mortal, mas pouco prática em um ambiente apertado e cheio de obstáculos como aquele. O homem careca balançava a

arma com naturalidade, demonstrando familiaridade com seu peso e propósito.

O segundo a aparecer foi um jovem magro, quase esquelético, mas surpreendentemente alto. Ele tinha o cabelo negro e desgrenhado, e seus olhos brilhavam com um misto de malícia e escárnio. O sorriso que ele exibiu era algo entre diversão e desprezo, como se a cena inteira fosse uma piada particular. Suas mãos ágeis brincavam com duas adagas curtas e afiadas, girando-as habilmente enquanto caminhava. As lâminas reluziam à luz, e ele parecia ansioso para usá-las, como um predador brincando com sua presa antes do ataque.

Por fim, surgiu uma mulher, movendo-se com a sutileza de uma sombra. Sua presença era tão silenciosa que parecia deslizar pelo chão da floresta. Trajava uma capa que se misturava aos tons escuros ao redor, quase camuflada. Nas mãos, ela segurava um arco recurvo feito de madeira escura polida. Nas costas, uma aljava carregava flechas cujas pontas tinham um tom esverdeado, refletindo a luz do fogo. Era evidente que as pontas das flechas estavam embebidas em alguma substância — possivelmente um veneno ou um tranquilizante destinado a incapacitar suas vítimas. Pequenas gotas brilhavam nas pontas das setas, insinuando que um único disparo poderia significar o fim da resistência de qualquer adversário.

O homem com o bastão, sem mover um músculo além dos olhos, estudou os três em silêncio. Ele percebeu a precisão na formação deles — cada um se posicionava de forma que as habilidades dos outros se complementassem. Era uma equipe treinada, talvez veterana de emboscadas. Para a maioria, enfrentar aquele grupo seria uma sentença de morte. Mas ele não era como a maioria.

O corpulento levantou o machado e apontou para o homem com o bastão, um gesto que mais parecia uma sentença.

— Peguem-no. — Sua voz grave e imperativa ressoou pela floresta, acompanhada pelo estalo das chamas da fogueira.

A mulher foi a primeira a agir. Em um movimento fluido, ela puxou uma flecha da aljava, encaixou-a no arco e disparou. O som do arco tensionado se misturou ao farfalhar das folhas, seguido por um leve assobio quando a flecha cortou o ar em direção ao homem com o bastão.

Sem mover os pés, ele inclinou o corpo levemente para o lado, executando um movimento fluido que parecia quase preguiçoso, mas que demonstrava uma precisão assustadora. A flecha passou a poucos centímetros de sua cabeça, e ele ouviu o som agudo dela rompendo o ar. Seus olhos, atentos como os de uma coruja, seguiram a trajetória até a flecha desaparecer entre os arbustos atrás dele.

Enquanto o mundo parecia congelar por um instante, ele inalou profundamente, captando um aroma peculiar no ar. Havia algo de doce, mas não agradável — um dulçor enjoativo que trazia consigo um leve formigamento nas narinas. O reconhecimento foi instantâneo, quase instintivo.

“*Esporos de Dormithium...*”, murmurou para si mesmo, enquanto um lampejo de memória lhe trouxe a visão de cavernas subterrâneas repletas de fungos luminescentes, brilhando como estrelas em um céu de pedra.

“*Dormithium*”. Ele sabia bem o que era aquilo. Os esporos liberados por esses fungos tinham um efeito devastador: um sono quase imediato, seguido por uma confusão mental extrema ao despertar. Não era mortal, mas certamente o tornaria vulnerável.

Seus olhos voltaram para a mulher, que já preparava outra flecha, e ele notou o pequeno sorriso em seu rosto — uma expressão confiante de quem acreditava ter a vantagem. O homem com o bastão permaneceu imóvel, como uma árvore que resistiu a intempéries piores, mas seus dedos agora apertavam o bastão com mais firmeza.

A floresta estava viva ao seu redor: os passos rápidos do jovem magro começando a circular, o som pesado do bec de corbin sendo erguido, e o corpulento se aproximando com o machado em mãos.

A paciência seria sua arma mais letal. Ele sabia que o primeiro erro seria deles.

A segunda flecha foi disparada com precisão, mirando o ombro do homem com o bastão. O assobio era mais curto, mas o perigo mais iminente.

Ele mudou sua postura em um piscar de olhos, inclinando o corpo e ajustando o bastão com um movimento preciso, como se cada músculo estivesse sincronizado com o som ao seu redor. Antes mesmo que a flecha pudesse se aproximar, o corpulento avançou com o machado, brandindo a arma em um arco poderoso, mirando diretamente a cabeça de seu oponente.

O homem com o bastão agiu como um reflexo, girando o bastão em suas mãos com uma velocidade impressionante. Primeiro, desviou a flecha, que ricocheteou no bastão e desapareceu na escuridão da floresta. Em seguida, completou o movimento com um giro firme sobre os calcanhares, trazendo a ponta do bastão em um arco ascendente e acertando o corpulento diretamente na traqueia.

O impacto foi certo, e o som abafado do golpe foi seguido por uma reação imediata. O corpulento largou o machado, que caiu com um baque surdo no solo. Suas mãos voaram para a garganta, onde ele lutava para puxar o ar que não vinha. Seus olhos arregalados refletiam incredulidade e dor, enquanto ruídos baixos e roucos

escapavam de sua boca, como se sua voz estivesse perdida em um vazio opressor.

Por alguns instantes, ele tentou resistir, cambaleando para trás, mas logo seus joelhos cederam, e ele tombou ao chão. O corpulento desmaiou, seu peito subindo e descendo em respirações curtas e ineficientes.

O homem com o bastão manteve sua postura firme, analisando os arredores. Ainda haviam mais três, e ele sabia que, mesmo sem a presença intimidadora do corpulento, os outros poderiam ser ainda mais perigosos.

A floresta estava em silêncio novamente, mas ele sabia que era um silêncio momentâneo.

O homem com as adagas gritou, a frustração clara em sua voz. — Acerta ele logo, Ysenka! Pare de brincar!

Ysenka, a mulher com o arco, virou-se rapidamente para seu companheiro e, com uma calma quase sobrenatural, apanhou uma terceira flecha de sua aljava. Seus dedos ágeis tocavam a flecha como se fosse uma extensão de sua própria mão, seu movimento preciso e meticuloso. A ponta da flecha brilhava com o reflexo da lua, e ela a encaixou na corda do arco com a leveza de quem já fazia isso milhares de vezes. Seus olhos focavam o homem com o bastão, calculando a distância, a trajetória, e o exato momento para disparar.

O silêncio da floresta se tornou opressor enquanto ela puxava a corda do arco com um movimento fluido, seus músculos tensionados e prontos para liberar a flecha.

Inesperadamente, o homem com o bastão fez algo que nenhum dos atacantes esperava. Ele correu. Sem hesitar, disparou-se na direção do homem com as adagas, seus passos rápidos e precisos, desafiando a vegetação e os obstáculos do terreno como se já estivesse acostumado a esse tipo de movimentação. Cada galho que

se erguia parecia ser evitado com a mesma facilidade com que ele girava o bastão, avançando com a fúria silenciosa de um predador.

Quando estava no meio do caminho, quase no alcance do homem com as adagas, Ysenka soltou a corda do arco. A flecha disparou com um sibilo ameaçador, cortando o ar em direção ao seu alvo.

Sem sequer olhar para o lado, o homem com o bastão realizou um movimento fluido e preciso: um rolamento lateral. Seu corpo se curvou em direção ao chão com uma agilidade surpreendente, rolando para o lado, de modo que o ataque da flecha passou por ele, passando a alguns centímetros de seu rosto, mas sem atingi-lo. O som da flecha cortando o ar foi abafado pela rapidez com que o homem se deslocou, mas o perigo ainda estava no ar.

O movimento foi executado com a perfeição de quem vive naquele terreno, nas sombras da floresta, e, como se nada tivesse acontecido, ele se ergueu rapidamente levando seu bastão em um movimento baixo carregado com a força da esquiva anterior, agora mais próximo de seu adversário, e mais atento do que qualquer momento nas últimas horas.

Antes de se pôr em postura ereta, o homem com o bastão executou um movimento rápido e preciso. Com um giro ágil, ele usou a extremidade de seu bastão para derrubar o homem magro que vinha em sua direção. O oponente caiu de forma desajeitada, batendo no solo com um estrondo abafado, mas sem conseguir se proteger a tempo.

O homem com o bastão não perdeu tempo. Quando se levantou, ele avançou sobre o adversário caído com uma velocidade impressionante. Com um movimento calculado, ele golpeou o homem magro no rosto com a ponta do bastão, o impacto foi seco e certeiro. O homem tentou reagir, mas a força do golpe fez com que sua cabeça caísse para o lado,

e logo ele perdeu a consciência, seus olhos se fechando antes que pudesse emitir qualquer som de resistência.

A figura olhou para o oponente caído por um instante, seus olhos como dois pontos de gelo. Sem expressão, ele se afastou, mantendo a postura alerta.

Enquanto o homem com o bastão estava de costas, uma nova flecha foi disparada na direção dele. Com uma reação rápida, ele virou-se imediatamente, usando o bastão como um escudo improvisado, bloqueando a flecha que passou com um som agudo pelo ar. Sem hesitar, ele desapareceu rapidamente na densa selva escura, as sombras da floresta o engolindo como se fosse parte dela.

Os dois últimos oponentes, a arqueira e o homem com o **bec de corbin**, perceberam a retirada. Sabiam que não poderiam perder a chance. Em um movimento coordenado, eles se aproximaram e ficaram de costas um para o outro, formando uma linha defensiva. A arqueira, com um olhar focado, pegou outra flecha de sua aljava com destreza. Seus olhos se moviam de um lado para o outro, tentando antecipar o próximo movimento do homem com o bastão.

O silêncio tomou conta do ambiente. Nenhum som se ouvia, exceto pelos distantes cantos dos pássaros noturnos e o suave susurro do vento, que fazia as folhas das árvores se moverem suavemente. O momento estava carregado de tensão, o ar denso, como se a floresta respirasse junto com os combatentes.

Apenas alguns minutos se passaram, mas para os dois oponentes, aqueles breves momentos pareceram horas. A tensão no ar era palpável. Ambos sentiam que estavam encurralados, observados, como se o caçador agora fosse a presa. Talvez essa fosse a sensação que suas vítimas deles sentiam, quando eram emboscadas, antes de serem subjugadas.

Eles sabiam que não podiam passar a noite ali. O campo aberto era perigoso, mas a floresta escura também trazia o risco de serem surpreendidos pelo misterioso lutador que os desafiava. A



cada estalo de galho ou farfalhar nas folhas, seus nervos se tencionavam ainda mais.

Foi o homem careca que quebrou o silêncio, sua voz baixa, mas carregada de impaciência. — Ele fugiu, — disse, a dúvida em sua voz. — Talvez uma das flechas tenha o acertado e ele tenha desmaiado em algum canto por aí.

A arqueira não respondeu imediatamente, mas seus olhos procuravam por qualquer sinal de movimento nas sombras, qualquer pista que o homem com o bastão tivesse deixado. A cautela e o medo estavam escritos em seus rostos.

— Vamos pegar os pertences dele e o dinheiro, — continuou o homem, sua voz agora mais firme, uma tentativa de tomar o controle da situação. — Depois, saímos daqui. Não vale a pena correr mais riscos.

A arqueira fez um gesto com a mão, concordando com a proposta, mas seu olhar estava fixo na escuridão da floresta. O medo ainda estava presente, mas a necessidade de escapar da situação urgente os forçava a agir.

A mulher, de costas para o homem, mantinha os olhos fixos nas sombras da floresta, com a flecha preparada, pronta para disparar a qualquer momento. Ela falou sem desviar o olhar: — Vai logo. Eu fico aqui dando cobertura. Não podemos perder tempo.

O homem careca assentiu, caminhando cautelosamente em direção ao tronco coberto por musgo, próximo à fogueira. Seus passos eram leves, quase sem som, mas a ansiedade podia ser sentida em cada movimento. Ele se aproximou e avistou os pertences do enigmático lutador. Uma capa dobrada, um cantil de água e uma pequena bolsa de couro. O homem pegou a bolsa com rapidez, mas com cuidado para não fazer barulho, e a abriu.

Dentro dela, ele encontrou uma boa quantidade de moedas. Prata, cobre e até algumas douradas, que reluziam fracamente à luz da fogueira. Pelo peso, parecia que o lutador tinha uma quantia considerável. O suficiente para garantir uma estalagem confortável e um bom ensopado — talvez até uma caneca de Dorvash, uma bebida fermentada rara, feita de um arroz dourado encontrado apenas em pântanos.

Ele sorriu, satisfeito. A oferta de uma noite confortável e uma bebida quente era tentadora, ainda mais considerando o quão cansados estavam após todo aquele dia. Olhou para a arqueira, ainda de costas, e disse, com um tom de humor contido: — Olha, Ysenka, com isso aqui, podemos tomar um bom ensopado e uma caneca de Dorvash para esquecer tudo isso. Acho que o risco valeu a pena, não?

Ysenka não respondeu imediatamente. Ela permaneceu alerta, seus olhos vigiando a escuridão. — Não fique se distraindo com comida, — respondeu ela, sua voz tensa. — Aquele homem ainda pode estar por aí. Recolha isso tudo e vamos sair logo daqui.

O homem fez uma careta, mas, obedecendo, guardou as moedas em sua bolsa. Antes de se afastar, olhou mais uma vez para os objetos, com um certo ressentimento. Parecia que aquela noite ainda guardava surpresas, e ele não queria ser pego desprevenido.

— Vamos logo. Quem sabe, talvez a sorte tenha nos favorecido depois de tudo isso. — disse ele, já se afastando do tronco.

Essa parte mostra como a situação começa a se desenrolar de forma mais tensa e como a recompensa gerada pela luta se torna um ponto de tensão adicional. O que acha dessa direção?

Sem emitir nenhum som, uma silhueta se esgueirou pelas sombras e, num movimento rápido e preciso, imobilizou o homem com os seus pertences e seu dinheiro. Ele não teve

tempo de reagir. A figura usou o corpo dele como um escudo humano, com os braços firmemente presos segurando-o. O homem, agora à mercê, tentou se mover, mas a pressão no pescoço e no peito o impedia de respirar com facilidade.

Ysenka, com o arco ainda em mãos, engoliu a tensão. Ela havia visto o movimento, mas a posição de seu companheiro tornava impossível um tiro certo. Sua mira estava bloqueada. A única coisa que podia fazer era tentar acertar a perna ou o pé do homem com o bastão. Se ao menos a flecha raspasse sua pele, já seria o suficiente para deixá-lo atordoado e dar uma abertura para ela atacar.

Ela se concentrou, o som da respiração pesada do seu companheiro soando como um tambor em seus ouvidos. Com calma, ela preparou o arco, seu olhar fixo na silhueta do homem com o bastão. Não era o ideal, mas era o que tinha.

O homem imobilizado, tentando recuperar a postura, gritou:

— Atira, Ysenka! Não fique aí parada, atire logo!

Mas antes que ela pudesse agir, o homem com o bastão apertou com mais força, sufocando o homem diante dele. O corpo do oponente se contorceu, os olhos se arregalaram, e a respiração ficou cada vez mais lenta. Ele tentou lutar, mas a pressão era demais, e antes que Ysenka pudesse agir, ele desmaiou, os braços caindo frouxos e sem consciência.

A arqueira engoliu em seco, sentindo a adrenalina aumentar. A tensão continuava no ar. Ysenka, com o arco ainda firme nas mãos, olhou para o homem com o bastão, seus olhos transpondo raiva e desespero.

— Não dê mais um passo — ela ordenou, sua voz firme, mas carregada de um ódio crescente. Sua postura estava pronta, o arco tenso, uma flecha encaixada com precisão.

Ele parou por um momento, estudando a situação. O silêncio entre eles foi quebrado por suas palavras, lentas e calculadas.

— Agora somos só nós dois. Não gostaria de dar o mesmo fim que seus amigos para você, mas está me deixando sem escolha. — Ele fez uma pausa, o som de sua voz fria tornando a escuridão da floresta.

Ysenka não hesitou. Com um movimento rápido, disparou a flecha com precisão mortal. O homem com o bastão se deslocou com a fluidez de uma névoa, girando o bastão com uma destreza surpreendente, bloqueando a flecha com facilidade. Ele não perdeu o ritmo, avançando calmamente em direção à arqueira. Sua postura era calma, controlada, cada passo dado como uma dança, uma coreografia que parecia ensaiada mil vezes.

Ysenka, determinada, não perdeu tempo. Preparou outra flecha e a disparou com rapidez. O homem com o bastão, sem nem hesitar, se esquivou da flecha com um movimento fluido, seus passos tão ágeis quanto os de um predador. Ele estava agora a apenas quatro passos de distância dela, o que tornava impossível escapar.

Desesperada, Ysenka não hesitou em preparar mais uma flecha, mas antes de conseguir disparar, sentiu um impacto violento no estômago. O bastão acertou-a com força suficiente para fazer seu corpo se curvar de dor, e o ar foi forçado para fora de seus pulmões. A dor foi profunda, mas não o suficiente para derrubá-la. Ela teve certeza de que o homem que a atacara controlou a força, talvez não tenha

usado nem mesmo um quarto da força que poderia ter deferido para nocauteá-la com apenas um golpe assim como fez com os demais.

Ela se encurvou para recuperar o fôlego, mas antes que pudesse se recompor e disparar novamente, sentiu um golpe ainda mais forte na têmpora. O mundo ao seu redor se tornou turvo, e a noite parecia se tornar mais escura. A dor parecia insignificante diante da humilhação que a consumia. Ela lembrou de cada flecha que disparou, todas bloqueadas ou desviadas com um movimento fluido, como se aquele homem com o bastão soubesse exatamente o que fazer. Estavam em quatro, mas ele, com uma única arma, que a princípio não demonstrava perigo algum, os derrotou um a um. *“Que tipo de animal selvagem, dotado de tamanha frieza faria isto, brincaria com a sua presa desta forma antes de abatê-la?”* Pensou Ysenka, lutando para tentar se recompor.

— Eu sinto muito, mas você me deixou sem escolhas.  
— A voz do homem soou abafada, distante, como se vinda de um sonho. Mas antes que ela pudesse responder, a escuridão tomou conta dela e ela desmaiou, caindo no chão como uma marionete cujos fios haviam sido cortados.

O homem com o bastão ficou parado por um momento, observando a mulher caída no chão. Seus olhos, frios e calculistas, observavam a cena sem emoção. Ele não tinha prazer naquilo. Mas, naquela noite, ele não tinha outra escolha.

---

#### Subcapítulo 4: O Despertar do Dia

O homem com o bastão se afastou lentamente de Ysenka, seu olhar atento à cena ao redor. O silêncio da floresta parecia absorver cada som, até mesmo o suave estalar das folhas sob seus pés. Ele limpou o suor que escorria pela testa, um gesto mecânico, como se estivesse desacostumado a sentir o peso da exaustão. Seus músculos ainda queimavam, mas sua mente estava afiada, como sempre.

Ele se aproximou do homem careca, agora caído ao lado da fogueira, seu corpo robusto estirado na terra. O olhar do homem com o bastão não tinha nenhum sinal de prazer ou satisfação pela vitória. Ele apenas observava, com a frieza característica, enquanto avaliava os corpos dos oponentes. Nenhum deles estava morto, *“uma sorte para eles”*, pensou. *“Conheço algumas pessoas que não seriam nenhum pouco piedosas com este grupo”*. Eles estavam vivos, mas profundamente desmaiados, seus corpos imóveis e suas mentes provavelmente vagando em terras desconhecidas — ou talvez sendo assombrados por pesadelos de uma figura sombria que os derrotou sem nenhum esforço. Ele não sabia qual das duas opções era mais cruel.

Com um suspiro de indiferença, ele se agachou ao lado do homem careca e pegou a pequena bolsa de couro que havia sido usada pelo homem desmaiado. Com a mão firme, abriu a pequena bolsa de couro, os olhos rapidamente avaliando o conteúdo. Ele sorriu levemente, pegando a bolsa com a mão direita, enquanto na outra segurava o cantil e a sua capa.

Com um movimento brusco, ele ergueu o cantil e tomou longos goles da água fresca, sentindo o líquido frio escorrer pela garganta e refrescar seus pulmões. Ele fechou os olhos por um instante, apenas saboreando o alívio, a sensação de

tranquilidade que vinha com o simples gesto de se hidratar. A água revigorou um pouco das suas forças, mas não apagou o peso da batalha.

Respirou fundo, o som do vento nas árvores ao fundo era tudo o que se ouvia. O peso da capa, agora novamente sobre seus ombros, parecia familiar, confortável até. Ele deu uma última olhada para os oponentes caídos — as silhuetas de pessoas que haviam tentado matá-lo, agora reduzidos a simples sombras na noite. Mas ele não teve pena. A compaixão não fazia parte de seu mundo, e ele sabia que, de alguma forma, todos estavam apenas fazendo o que precisavam fazer para sobreviver.

O homem com o bastão ajeitou a capa sobre os ombros, enquanto observava a mudança sutil na floresta ao seu redor. O ar ainda carregava o frescor da madrugada, mas os primeiros sons do amanhecer começavam a surgir. O canto hesitante de um pássaro anunciou a troca de turno entre as criaturas da noite e do dia. Os grilos silenciaram gradualmente, enquanto pequenos passos entre as folhas secas indicavam que os esquilos e outros pequenos animais começavam suas rotinas.

Ele respirou fundo, sentindo o aroma terroso da floresta misturado com o orvalho que se acumulava nas folhas e no musgo. O céu, antes um manto de escuridão pontilhado de estrelas, agora apresentava traços de um azul suave que gradualmente expulsava o negro da noite. Os contornos das árvores ao longe tornavam-se mais nítidos, e a luz tênue começava a revelar detalhes ocultos da paisagem.

Parado ali, em meio à clareira, o homem sentiu uma estranha tranquilidade. A floresta, testemunha muda do confronto que acabara de ocorrer, parecia indiferente ao caos humano. Para ela, o nascer do sol era apenas o início de

mais um ciclo, indiferente às batalhas ou dramas dos seres que transitavam sob suas copas.

Ele tomou mais um gole do cantil, agora vazio, e fechou os olhos por um instante, permitindo-se um momento de descanso. A batalha tinha terminado, mas o dia que nascia traria seus próprios desafios. Era sempre assim.

Antes de partir, deu mais uma olhada nos corpos inconscientes ao seu redor. Pensou na possibilidade de qualquer viajante desavisado que cruzasse o caminho desses indivíduos. Ele decidiu, então, recolher suas armas. O bec de corbin, pesado e letal, foi o primeiro a ser arrastado até a beira da clareira. Suas pontas afiadas ainda brilhavam à luz nascente, uma lembrança silenciosa da violência que poderia causar.

As adagas do jovem magro, por sua vez, eram ligeiras e traiçoeiras, projetadas para cortes rápidos e fatais. Ele guardou ambas, enfiando-as em um bolso improvisado de sua capa. Por último, o arco da mulher, elegantemente curvado, junto com a aljava de flechas envenenadas. Cada uma delas era um perigo em potencial, e o homem sabia que, nas mãos erradas, poderiam significar o fim para muitos inocentes.

Ele olhou para o arsenal reunido, sentindo um misto de frustração e desprezo. Aquelas armas não o agradavam, não apenas porque eram projetadas para matar, mas porque representavam o tipo de violência gratuita que ele buscava evitar. Seu bastão, embora desgastado pelo tempo, carregava a simplicidade e a clareza de sua própria filosofia: incapacitar, mas não tirar vidas.

O homem decidiu que no caminho escolheria o destino dessas armas. Talvez as vendesse para conseguir algumas moedas extras, embora isso significasse colocá-las de volta



no mundo. Talvez as jogasse em um rio profundo ou as deixasse em um local remoto onde ninguém pudesse encontrá-las. Ainda ponderando, ele as ajeitou de maneira improvisada sobre os ombros e deu o primeiro passo para fora da clareira.

O céu já exibia tonalidades de rosa e laranja, e a luz que atravessava as copas das árvores lançava sombras alongadas no chão úmido. O homem suspirou, ajeitando a capa.

A floresta o acompanhava em silêncio, como se respeitasse sua introspecção. Enquanto caminhava pela folhagem, o homem sentia o peso das armas nos ombros, um contraste com a leveza do bastão em sua mão. Era como se cada arma carregasse as intenções sombrias de seus antigos donos, e ele não podia evitar refletir sobre o ciclo de violência que elas representavam. A cada passo, ouvia os sons da floresta acordando: o canto tímido dos pássaros, o farfalhar das folhas movidas por uma brisa suave e o som distante de um riacho. O mundo parecia despertar para um novo dia, indiferente aos conflitos da noite anterior.